

CIÊNCIA E ANTROPOLOGIAS

Jaqueline de Mendonça Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil)

oliveira.jaqueline.m@gmail.com

SCIENCE AND ANTHROPOLOGY

Resumen: El artículo parte de una noticia publicada en *The Chronicle of Higher Education* que se refiere a una controversia dentro de la Asociación Americana de Antropología sobre la permanencia o eliminación de la palabra ciencia de la misión de la asociación. Está claro que este debate implica discusiones sobre el papel de la antropología, así como nociones de ciencia y sus asociaciones con las nociones de naturaleza y cultura. Además de ser un tema recurrente en las reuniones de los antropólogos. Por último, una breve reflexión sobre la importancia del debate para la antropología como disciplina.

Abstract: The article begins with an article published in *The Chronicle of Higher Education* with respect to a dispute within the American Anthropological Association about the permanence or elimination of the word science of the mission of the association. It is clear that this debate involves discussions about the role of anthropology and science concepts and their associations with the notions of nature and culture. Besides being a recurring theme in the meetings of anthropologists. Finally, a brief reflection on the importance of debate in anthropology as a discipline.

Palabras clave: Ciência. Natureza. Cultura. Antropología
Science. Nature. Culture. Anthropology

Introdução

A antropologia é uma ciência? Ou seria essa uma pergunta já respondida? Se a antropologia é uma ciência no que isso implica? Que lugar a Antropologia ocuparia dentro da Ciência? O que a antropologia é afinal?

O jornal eletrônico *The Chronicle of Higher Education* relatou em 2010 uma controvérsia ocorrida na Associação Americana de Antropólogos. Foi deliberada em uma de suas reuniões anuais retirar do plano da missão da associação a palavra “ciência” o que teria gerado temor entre os antropólogos que trabalham em suas pesquisas com causas biológicas e as implicações destas sobre o comportamento humano. Os mesmos teriam se sentido desvalorizados pelos seus colegas que enfatizam o papel da cultura no comportamento humano.

Isso seria um sinal de que a antropologia cultural é ascendente na disciplina? Ou estariam ganhando espaço antropólogos interessados em medir dentro da antropologia o que é ou não ciência? Seria possível a existência de diversas abordagens dentro da Antropologia? Ou algumas confusões nominalistas e epistemológicas estariam ocorrendo por aí?

A preocupação dos colegas que estudam causas biológicas por detrás do comportamento humano relatado na notícia denota que a antropologia, por vezes, é vista como ciência apenas na sua faceta biológica, ou seja, quando mais próxima das ciências *hard* de uma forma geral. Por isso a retirada do termo “ciência” parece perturbar muito mais os antropólogos que se aproximam da vertente biológica. Mas afinal de contas o que se entende por ciência?

Produz conhecimento?

É Bem verdade que para responder satisfatoriamente a essa pergunta seria necessário escrever um tratado sobre sociologia da ciência, ou antropologia da ciência, ou epistemologia da ciência, ou filosofia da ciência. Mas em função da viabilidade dialoguemos com Roberto Machado (2009) quando o mesmo analisa a obra de Deleuze e a Filosofia, no intuito de compreender a noção de ciência por ele desenvolvida a partir de Deleuze. Preocupado em definir o campo e a natureza da atuação da Filosofia, Machado (2009) afirma que a filosofia para Deleuze se trata de uma ciência, pois a filosofia não é uma reflexão sobre outra coisa, ou um metadiscurso. Mas tem uma produção própria de conhecimento e se ocupa de criar seus próprios pensamentos e conceitos. Bem, por analogia se percebe que a antropologia se comporta da mesma maneira, pois se ocupa da produção de conhecimento e de conceitos dentro da especificidade de seus saberes, respondendo às suas próprias questões, portanto sobre essa égide, a antropologia passaria no teste, é ciência.

Foucault (1987) destrincha um pouco mais semelhante questão. Trabalhando com o mesmo tema, afirmou que as ciências usam diferentes formas e positivities para se legitimarem, contudo a maioria das ciências intentou enveredar-se pela via da matematização para lograr sua legitimidade enquanto saber científico. Porém afirma Foucault que as ciências humanas, incluso a Antropologia, são compostas de outro material bem mais incerto e perigoso fruto do retraimento da *máthêsis* e do surgimento do “empírico-transcendental” que permitiu o avanço das ciências humanas e o aparecimento do homem como objeto dessas ciências (FOUCAULT, 1987: 367). Foucault não tem dúvidas da cientificidade da Antropologia ou de outras ciências humanas mesmo que estas tenham lançado seus pilares em patamares distintos aos das ciências ditas naturais. As ciências humanas passam a listar no rol das ciências apresentando suas especificidades enquanto ao seu objeto de pesquisa e metodologia.

Quando a Antropologia se extravasa

Contudo, esse não parece ser um ponto de convergência quando se lê a notícia com a qual iniciamos este artigo. Os relatos expostos na notícia em *The Chronicle of Higher Education* mostram um debate entre antropólogos que, por um lado, acham que a especificidade da antropologia consiste em se afastar das ciências naturais tanto em metodologias como em bases explicativas; por outro lado, outro grupo de antropólogos que concordaria com a antropóloga cognitivista Emma Cohen (2010) que afirma que fatores corporais influenciam nas tomadas de conhecimento humano, logo, cabe à antropologia estudar quais seriam as dimensões “materiais” do processo de aprendizagem que permitem ou restringem a transmissão da cultura. A antropóloga não estava citada na notícia, mas chamo-a para o nosso debate, pois vem a calhar.

Para Cohen (2010) os antropólogos podem e devem se esforçar mais para identificar como o corpo, cérebro e ambiente informam e restringem a produção de conhecimento. Afirma que a abordagem do *embodiment* pode não só descrever e interpretar, mas também se expandir para explicar como o corpo é implicado na aquisição de conhecimentos. Porém acredita que os métodos normalmente utilizados pela antropologia, sejam: observação participante e entrevista, são limitados para perceber esses processos subjacentes de transmissão, logo é necessário que a antropologia incorpore métodos de fora da antropologia, advindos de outras áreas para tais empreendimentos de pesquisa.

Crick (1982), menos otimista que Cohen, já apontava alguns motivos dos percalços no caminho de um consenso ou mesmo diálogo entre antropologia e outras áreas, como, por exemplo, a dificuldade de diálogo entre psicólogos e antropólogos, devido à grande diferença entre o método experimental e a observação participante. Ademais da pouca relevância cultural dada nos trabalhos de Psicologia e os problemas de validação intercultural dos trabalhos da Psicologia. Também os antropólogos têm pouco a dizer sobre o funcionamento real da mente humana e do cérebro. Mas o mesmo Crick (1982: 307) afirma, o que é considerado certo se trata de uma convenção social, logo comparações entre o que é ciência ou não podem ser revistas, e o limite entre elas da mesma forma pode ser repensado.

Outro autor que tenta suplantar limite entre áreas, entre antropologia e biologia, entre natureza e cultura, chama-se Tim Ingold. Sua proposta caminha em direção a uma visão de sinergia entre organismo e ambiente. Inspirado em Bateson, funde teorias como a da seleção natural com a da escolha racional. Com base em seus estudos etnográficos sobre caça entre os Cree afirma que quando o antropólogo ouve que a caça se oferece ao caçador, não deve entender tal explicação como bizarra, tampouco tentar verificar sua veracidade, mas deve sim buscar mostrar sua inteligibilidade dentro do seu contexto, onde não somente humanos são dotados de agência e intenção, logo o encontro entre caça e caçador é um momento de diálogo e relação interpessoal. E isso não invalida explicações de ordem biológica que afirmam que a caça pára diante do caçador devido a uma resposta inata adquirida em sua adaptação evolutiva por conta da predação dos lobos. Pois a preocupação principal do antropólogo é antes dar forma e significado ao encontro entre caçadores e animais, por meio do jargão “cultura”.

Muito embora nesse exemplo a proposta pareça lograr a associação entre ambas as abordagens, em outros casos me parece que poderia haver uma concorrência excludente de explicações. Sua proposta fica também um pouco escorregadia quando afirma que o biólogo explica o mundo tal qual ele é, e, o antropólogo, as diversas formas que essa natureza toma forma no imaginário das pessoas, passando a ligeira impressão de que os biólogos são capazes de ver o mundo tal qual ele realmente é (INGOLD, 2000: 14). Continua, caracterizando o antropólogo como alguém que examinado a variação cultural é como quem visita uma galeria de arte visualizando “pontos de vista”. Apesar das especificidades levantadas de cada ofício ele iguala a Biologia e a Antropologia em suas pretensões universalistas.

Ingold (2000) afirma que a divisão entre Biologia e Antropologia remonta à divisão entre cultura e natureza, que também remete à divisão entre pré-cultura (outros) e cultura moderna (ocidentais). Porém estudar os Cree ensinou-lhe a não separar natureza da cultura. Propôs então transcender essa dicotomia pelo que chama de *ecologia sensível*, contra o determinismo genético e cultural, em direção a uma totalidade sistêmica.

A variação cultural então passa a ser vista como uma variação de habilidades que é passada de geração em geração por meio da prática e não de fórmulas (INGOLD, 2007: 291), logo o improvisado é parte integrante da educação, existe sempre uma criação ali constituída nas relações. Contudo contrapõe a noção de racionalismo, como ação em contraponto a uma idéia. Nega também outras dicotomias como a de mente e mundo colocada por Lévi Strauss, que entende a mente como um processador de informações advindas do mundo. Baseando-se em pressupostos batesonianos supõe que a mente não é sinônimo de cérebro e pode estar para além de seus limites, ao passo que o mundo, é o que ele chama de *ecologia da mente*, afinal de contas para Bateson não estamos necessariamente confinados em nossos corpos individuais contra um mundo da natureza lá fora, pois, o mundo mental, declarou Bateson, em uma palestra, não é limitado pela “pele” (INGOLD, 2000: 16-17).

Voltando a questão da transmissão do conhecimento ou mesmo poderia se dizer da transmissão da cultura, que nesta proposta não se trata de uma passagem de conteúdos, porém de um cultivo de habilidades nas próximas gerações. O conhecimento é o conjunto das habilidades. Assim supera-se outra dicotomia – capacidades inatas e competências adquiridas. Já que o cérebro não é mais visto como apenas um processador de informações. O cérebro é ele também construído no mundo por meio da experimentação. Percebe-se que se contrapõe a psicologia cognitivista (mente interna x mundo externo), já que na psicologia o organismo é resultado do genético. Ingold entende o organismo como resultado da interação com o ambiente. Sua abordagem é alternativa, de uma forma interessante, por conceber o homem a partir de sua condição inescapável de se envolver com seu meio ambiente. Para Ingold, somos todos “percebedores”.

Retomando as questões iniciadas neste artigos sobre as quirelas científicas em torno da antropologia, vale a pena pincelar, algumas opiniões acerca desse debate registrado no livro *Key Debates in Anthropology* (1996). Onde semelhantes questionamentos são colocados e debatidos. A Antropologia Social seria um empreendimento científico? Como a antropologia trabalha com generalizações se suas definições e afirmações acerca dos povos com os quais trabalha são apenas arbitrárias e provisórias? Como fazer disso a base de dados para comparações cross-culturais ou inter-sociais? Como trabalhar com testagem de hipóteses na antropologia? Como trabalhar com regularidades, padrões?

Ou ainda como Judith Okely (1996), como podemos desfocar desse tipo de questionamento e dirigir nosso olhar para outro ângulo partindo do pressuposto que Antropologia, sim é uma ciência, simplesmente por atender ao sentido original de ciência, que significa produção de conhecimento. Para ela, ou antropologia é isso, ou não é nada. Afirma que o problema da palavra ciência hoje deve-se ao fato desta estar sendo oferecida aos antropólogos contaminada com idéias positivistas, bem distante do ideal cientista iluminista. Sobre as idéias de que a Antropologia seria literatura ou ficção Okely definitivamente não quer argumentar que a antropologia seja alguma delas. Mas pontua que a noção pós-moderna de ficção não mais significa mera invenção e se aproxima muito mais da idéia de “construção social”. Mesmo clássicos, como Balzac, no século XIX, afirma Okely, não se sentavam a escrever em suas mesas, nas suas folhas em branco a partir de suas próprias cabeças. Balzac, por exemplo, conduziu minuciosa pesquisa histórica-etnográfica a fim de redigir suas novelas. Ao definir uma época fazia questão que sua personagem usasse a moda adequada à época, incluso na forma das mangas. Logo, longe de inventar personagens do nada, ele criou a partir de investigação e observação participante, afirma Okely (1996: 30). E suas conclusões teóricas não ficam aquém do auto-intitulado cientista e criminologista Lombro-

so. Okely (1996) afirma que na Antropologia distorções e anedotas também ocorrem por diversos motivos (éticos, edição, etc), mas isso ainda não torna uma etnografia uma ficção literária, pois não se trata de fingir que se esteve lá. Há que se levar em conta é obvio a historicidade de uma monografia, suas limitações no sentido de que o antropólogo não é capaz de captar a totalidade da realidade, e que a seletividade da monografia pode variar de acordo com a idade, sexo e paradigma do antropólogo, porém isso não invalida a etnografia como um empreendimento etnográfico. A etnografia nos dá acesso a um tipo de conhecimento muito específico que só será desvalorizado se seguirmos princípios positivistas.

Participando no mesmo debate, Keith Hart (1996: 19-20) afirma que o significado de ciência vem mudando a longo dos séculos. Pode se observar porque as gerações têm respondido de diferentes formas ao que não seria ciência, se antes figurava na lista o mito e a religião, agora entram as ciências humanas e as artes criativas. O que remonta à divisão entre matéria e espírito. No entanto, muitos profetizam o obsoletismo do positivismo dentro da ciência, que leva muitos a pensar que cientistas são aqueles homens vestidos de jalecos brancos trancafiados em seus laboratórios. Faz-se necessário uma reforma que rompa de vez essas barreiras, incluso a erguida entre as ciências humanas e naturais. Para tanto, Hart afirma que a ciência moderna deve incorporar noções de reflexividade, história, relatividade, armadilhas linguísticas e lógicas, etnocentrismo ocidental, necessidade de autocinhecimento e outras coisas mais. Sem negar abrir mão da premissa em que repousa a ciência de que é possível saber o que é objetivamente real. Para Hart (1996) a Antropologia, sim é uma ciência, não somos artistas, muito menos padres, e não temos nada a ganhar nos declarando contra a ciência, afirma a antropóloga.

Pelo visto tais quirelas, constantemente, vem à tona em ajuntamentos de um ou mais antropólogos, motivando ricas e polêmicas discussões teóricas. Ingold (1996), afirma que muitos antropólogos concordam que a ciência moderna tornou-se corrompida por sua associação com a metodologia positivista, em função de ter se esquecido de seus objetivos humanistas de criar uma sociedade melhor e mais justa. Ingold indaga se estamos disputando adentrar o rol das ciências pelos motivos humanistas ou por vontade de projetar nossa disciplina como ciência no cenário intelectual. Seja lá como for, Ingold acredita que não devíamos ignorar a ciência, mesmo que alguns trabalhos desacreditados sejam produzidos em nome dela, afinal de contas como ele mesmo lembra o registro da Antropologia não nos deixa esquecer o nosso próprio passado de máculas.

E como retomar às perguntas iniciais? Seria a antropologia ciência? É o antropólogo cientista? Ou seria um literato? Um artista? Na verdade, não sei como se deu o desfecho da controvérsia sobre a “ciência” na Associação Americana de Antropólogos, bem sei é que a maioria dos antropólogos apresentados convergem em dizer que sim, a antropologia é uma ciência, por diversos motivos. Basicamente o argumento gravita em torno da antropologia produzir um tipo de conhecimento característico. Mas é bem verdade, que outros tantos admitem que nem por isso deixamos de ser em certa medida, literatos e artistas, e vice-versa, literatos e artistas têm lá seu quê de antropólogos. Pois como afirma Saez (2006: 6) “etnógrafos honorários muito diversos mas que sempre nos sugerem que o humano efetivo é um subconjunto do humano imaginável”.

Conclusão

Mas há quem se incomode com essa discussão, há quem pergunte para que serve. Bem, é nessas curvas sinuosas que a Antropologia esteve e está fadada a se mover, portanto, é prudente conhecer o caminho. Ademais todas essas quirelas em torno do que seja ciência ou antropologia, ciência ou natureza serve para nos divertir. Isso mesmo, se porventura não vislumbrar nenhuma utilidade aparente e eminente nessas discussões, pode ainda existir diversão sem desvio de função. Foi o próprio Geertz (1989: 10) quem afirmou que o objetivo

da antropologia ademais do alargamento do universo do discurso humano seria “a instrução, a diversão, o conselho próprio, o avanço moral e a decoberta da ordem natural do comportamento humano”. Além disso a antropologia desde tempos que se deu conta que para conhecer o outro é mister conhecer a si mesma, por isso tanto investimetno em reflexividade na própria disciplina. Pois há tempos que o conhecimento assentou suas bases não somente no objeto que conhece, mas também no sujeito do conhecimento. Nietzsche (2007: 41) nos advertiu da importância desse processo quando afirmou que “O homem conhece o mundo na medida em que se conhece: sua profundidade se desvenda a ele à medida que se espanta de si mesmo e de sua complexidade”. É verdade que antes a tarefa da antropologia parecia mais simples - a de se lançar a explicar o outro-, mas agora se trata de um empreendimento mais amplo, mais complexo, contudo mais lúcido, que exige de nós enquanto ciência e cientistas uma revisão constante e completa de nosso fazer e saber científico.

Bibliografia

- COHEN, Emma
2010 “Anthropology of knowledge”, en *Journal of the Royal Anthropology Institute*, 16, 1: 193-202.
- CRICK, Malcolm
1982 “Anthropology of knowledge”, en *Annual Review of Anthropology*, 11: 287-313.
- FOUCAULT, Michel
1987 “Prefácio”, “As ciências Humanas”, en *As palavras e as coisas: uma arqueologia-das Ciências Humanas*: 5-14, 361-404. São Paulo: Martins Fontes.
- GEERTZ, Clifford.
1989 “Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura”, en *A interpretação das Culturas*: 3-21. Rio de Janeiro: LTC.
- GLENN, David
2012 “Anthropologists Debate Whether ‘Science’ Is a Part of Their Mission”, en *The Chronicle of Higher Education*. <http://chronicle.com/article/Anthropologists-Debate-Whether/125571/> (03-01-2012)
- HART, Keith
1996 “For the motion (1)”, en INGOLD, Tim (Org.). *Key Debates in Anthropology*: 18-22. London: Routledge.
- INGOLD, Tim
1996 *Key debates in Anthropology*. London; New York: Routledge.
2000 *The Perception of the Environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge.
2007 “Up, across and along”, en *Lines. A brief history*: 72-103. London and New York: Routledge.
- MACHADO, Roberto
2009 “A geografia do pensamento”, en *Deleuze, a arte e a Filosofia*: 11-49. Rio Janeiro: Jorge Zahar.
- NIETZSCHE, Friedrich
2007 *O livro do Filósofo*. São Paulo: Editora Escala.
- OKELY, Judith
1996 “Against the motion (2)”, en INGOLD, Tim (org). *Key Debates in Anthropology*: 30-33. London: Routledge.
- SAEZ, Oscar
2006 “Na biblioteca. Micro-ensaios sobre literatura e antropologia”, en *Antropologia em Primeira Mão*: 1-9. Florianópolis: Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.